

Revista Filosófica de Coimbra

VOL. 2 • N.º 4 • OUTUBRO 93

MIGUEL BAPTISTA PEREIRA - *Europa e Filosofia*

FRANCISCO V. JORDÃO - *A Religião sob o ponto de vista filosófico*

J. ENCARNAÇÃO REIS - *O Riso estético segundo Bergson e Lalo*

JOÃO MARIA ANDRÉ - *O Problema da Linguagem no Pensamento filosófico-teológico de Nicolau de Cusa*

ANSELMO BORGES - *E. Bloch: a Esperança ateia contra a Morte*

EDMUNDO BALSEMÃO PIRES - *Factos sociais. Comunidade e Linguagem - a propósito do livro de Margaret Gilbert, On Social Facts*

dois aspectos principais: 1) a incomensurabilidade, em rigor, é um acontecimento raro (316); 2) duas línguas ou teorias incomensuráveis não estão totalmente dissociadas: há um nexo subtil entre as suas “condições de significação plena” (317).

A breve discussão sobre o *Pluralismo cultural ou admirável monotonia nova?* não é reproduzido no volume uma vez que as posições fundamentais defendidas por Feyerabend nessa ocasião (1985) já se encontravam bem explícitas nos restantes ensaios que integram este volume. Reproduz-se apenas uma carta em que ele responde sucintamente a algumas críticas aos seus comentários (320-326).

O ensaio final, *O adeus à Razão* (327-370) que dá o título a este volume contém uma série de reflexões provocadas pela crítica aos seus textos e muito particularmente por uma série de textos polémicos publicados nos dois volumes editados por H.P. Doerr (*Versuchungen*, Ffm, 1980,1981). Muitos destes textos foram recentemente traduzidos em inglês num volume com o título *Beyond Reason. Essays on the Philosophy of P.K. Feyerabend* (Dordrecht: Kluwer, 1991), obra a que fazemos referência neste número da Revista. Aí repete algumas das ideias centrais dos seus trabalhos e se defende de alguns mal entendidos mais frequentes. Assim, quanto ao slogan “vale tudo” (*anything goes*) rejeita a paternidade e a viabilidade de tal dito sintetizar adequadamente as análises de *Contra o Método* e de *Ciência numa Sociedade livre*. Não estaria em causa a busca de uma nova teoria da ciência mas antes contestar radicalmente tal tipo de empreendimento e os pressupostos que lhe estão associados. Em termos concretos, o alvo predilecto da crítica é a compreensão positivista da ciência (e, concomitantemente, da história da ciência, etc) na qual Feyerabend inclui também a perspectiva de Popper e seus discípulos. Responde igualmente àqueles que o acusam de apresentar um “modelo político” demasiado vago e inconsistente. O modelo, diz, tem que ser necessariamente vago para poder “criar espaço” para a liberdade das decisões concretas daqueles que o quiserem aplicar. Em termos muito gerais recomenda uma estrita igualdade das tradições: toda e qualquer proposta “deve ser primeiro verificada pelas pessoas a que se destina; o resultado é imprevisível” (358).

O conjunto de ensaios não satisfará todos os leitores mas será uma boa oportunidade de pensar sobre temas fundamentais da cultura ocidental mesmo que não se partilhe o ponto de vista de Feyerabend que surge no seu melhor quando desce à análise de pormenor de factos e figuras da história do pensamento filosófico e científico.

A tradução portuguesa parece-nos, globalmente, bem conseguida. Chamamos, contudo, a atenção para algumas grialhas, de conseqüências diversas para a leitura do texto, nas páginas 135, 141, 214, 221, 224, 240, 273.

António Manuel Martins

MUNÉVAR, G., *Beyond Reason. Essays on the philosophy of Paul K. Feyerabend*. BPS 132 (Dordrecht: Kluwer, 1991); xxi + 535 pp.

Muitos dos ensaios publicados neste volume já tinham sido editados em alemão por Hans Peter Duerr numa colectânea que reunia uma série de tomadas de posição sobre a filosofia de Feyerabend - de sentidos diferentes - e que contaria, no estilo dos volumes de Schilpp, com a réplica do visado (*Versuchungen: Aufsätze zur Philosophie Paul Feyerabends*, 2 Bde, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1980-1981). Na maior parte dos casos os textos originais mantêm-se com ligeiras alterações para esta versão inglesa designadamente sob a forma de um postscript. É impossível analisar em detalhe a variedade

temática deste conjunto de 24 ensaios ou comentários em torno de Feyerabend. De entre os 19 já publicados destacam-se os de H. Schnädelbach, *Contra Feyerabend* (433-448) e o de J. Agassi, *Como queira* (379-388) pelo tom crítico negativo. Agassi chega mesmo a atingir uma violência verbal pouco comum em textos académicos. Já a contribuição de Vine Deloria, *Percepções e maturidade: reflexões sobre o ponto de vista de Feyerabend* (389-402) apresenta uma imagem idealizada da tolerância feyerabendiana. A maior parte dos textos situa-se num plano mais distante discutindo alguns tópicos abordados e suscitados pela obra de Feyerabend. Assim, Margherita von Brentano (199-212) e W. Diederich (213-224) reflectem sobre anarquia e liberalismo na obra de Feyerabend. No contexto da reflexão feyerabendiana sobre a sociedade livre e o papel da ciência situam-se os ensaios de G. Munévar, *A ciência na sociedade livre de Feyerabend* (179-198), de N. Koertge, *Ideologia, ciência e sociedade livre* (225-242), de A. Naess, *Paul Feyerabend - um herói verde?* (403-416), J.R. Ravetz, *Engajamentos ideológicos na filosofia da ciência* (355-378) e J. Margolis, *Métodos científicos e a defesa feyerabendiana do anarquismo* (465-486). Outros analisam temas em cujo debate a posição (polémica) de Feyerabend se tornou relevante. Estão neste caso os artigos de A.N. Perovich, Jr. sobre a *Incomensurabilidade, as suas variedades e consequências ontológicas* (313-328); de I. Hacking, *Especulação, cálculo e criação de fenómenos* (131-158) onde se procura mostrar o papel crucial da experimentação na física e na ciência em geral; de John Worrall, sobre *Feyerabend e os factos* (329-353) que procura reabilitar o empirismo clássico através da distinção (retirada de Poincaré) entre factos brutos e factos científicos, distinção que permitiria manter o essencial das teses de Duhem; G. Andersson, em *Feyerabend sobre Falsificações, Galileu e a Dama Razão* (281-296) reconstrói a posição de Feyerabend a partir das teses de Duhem em ordem a justificar as teses centrais do racionalismo crítico designadamente a metodologia falsificacionista; A. Musgrave, num estudo muito bem documentado e estruturado sobre *O mito do instrumentalismo astronómico* (243-280) procura minar a força da tese instrumentalista mais geral sobre a natureza e o valor das teorias científicas. De facto, Musgrave pensa que só um instrumentalismo local é compatível com uma interpretação realista da ciência.

Todos estes textos já eram conhecidos da colectânea de H.P. Duerr. A novidade do volume editado por Gonzalo Munévar relativamente àqueles dois volumes consiste na inclusão de cinco ensaios novos bem como na publicação de uma resposta de Feyerabend ainda mais fora do convencional do que a já publicada na colectânea de Duerr. As contribuições novas neste volume são as de Paul M. Churchland, Marx Wartofsky, C.A. Hooker, F. Suppe e H. Hörz para além do *Diálogo final não filosófico* (487-527) de Feyerabend.

Paul M. Churchland pertence a uma minoria que defende o contributo positivo da filosofia de Feyerabend da acusação maioritária de relativismo e anarquia puramente negativas. Assim, ao apresentar, neste volume, *Uma unidade mais profunda: alguns temas feyerabendianos em forma neurocomputacional* (1-24), pretende mostrar que um conjunto de cinco teses fundamentais da obra de Feyerabend - ainda hoje largamente rejeitadas individualmente e consideradas vagas e incoerentes no seu todo - podem constituir, na verdade, o núcleo de uma visão alternativa do conhecimento humano. A ideia central do artigo de Churchland é a de uma convergência entre os resultados da neurologia computacional e da Inteligência Artificial conexionista e o núcleo temático do pensamento de Feyerabend. O que está em jogo são as categorias fundamentais: *representação mental, conhecimento, aprendizagem, esquema conceptual, reconhecimento perceptual e compreensão explicativa*. O que Churchland pretende é fazer uma redução neurocomputacional da filosofia da ciência de Feyerabend.

M.W. Wartofsky talvez não tenha conseguido mostrar com tanto sucesso como pretendia *Como ser um bom realista* (25-40) mas nem por isso deixa de ser interessante a sua análise das várias críticas contemporâneas do realismo.

Para muitos leitores foi sempre algo difícil situar Feyerabend na tradição cultural do Ocidente. C.A. Hooker, em *Entre Formalismo e anarquia: uma via intermédia razoável* (41-107) procura precisamente reler as teses centrais de Feyerabend numa perspectiva de um realismo evolucionista. Hooker constrói uma hipótese de releitura da tradição dentro de uma compreensão tradicional da racionalidade que visa mostrar que o fracasso do programa formalista não é, de modo algum, o fracasso da razão *tout court*. Hooker reconhece as dificuldades do modelo standard de racionalidade científica. Pensa, contudo, que é possível desenhar um modelo de racionalidade que evite os escolhos do formalismo e do positivismo, por um lado, e que integre, simultaneamente, a crítica metodológica de Feyerabend. Hooker defende intransigentemente esta posição sem esquecer que Feyerabend, muito provavelmente, continuaria a acusá-lo de imperialismo cultural (de matriz ocidental, neste caso) (p.100).

Frederick Suppe pretende desmascarar a imagem de Feyerabend como *enfant terrible* da filosofia da ciência apontando aquilo que julga serem as verdadeiras *Origens observacionais da epistemologia anarquista de Feyerabend* (297-311). Neste ensaio F. Suppe defende duas posições pouco comuns entre os adeptos do novo empirismo relativamente à obra de Feyerabend: por uma lado, sustenta que ela é mais coerente do que vulgarmente se diz. Aqui, o ponto de referência, poucas vezes citado, é o trabalho de 1958 "An attempt at a realistic Interpretation of experience". Além de ser coerente, a posição de Feyerabend representa, para F. Suppe, uma *reductio ad absurdum* extrema do empirismo de tipo Lockeano. Suppe sublinha ainda uma certa linha de continuidade com Berkeley. Nada disto significa que as teses centrais de Feyerabend se possam considerar minimamente aceitáveis, na perspectiva de F. Suppe. Bem pelo contrário. O que se pretende realçar é o carácter tradicionalista, em última análise, das teses de Feyerabend independentemente do seu estilo iconoclasta.

Herbert Hörz aproveita o interesse de Feyerabend pela questão da responsabilidade dos homens na configuração da natureza e de condições de vida dignas para reflectir sobre *A Ecologia como Desafio à Filosofia* (417- 431). A questão que preocupa Hörz não é a de saber em que medida as questões que o movimento ecológico coloca são relevantes para aquilo que A. Naess (que também colabora neste volume) chamou a *ecosofia* ou explorar linhas de pensamento do tipo das de I. Illich mas antes mostrar que alguns autores da modernidade já tinham levantado algumas questões essenciais sobre esta problemática. Estão neste caso, entre outros, J.-J. Rousseau e, sobretudo, F. Engels e K. Marx. A tese principal do ensaio de Hörz é precisamente que o marxismo-leninismo inclui a ecologia. E, por isso mesmo, defende que "a implosão do socialismo real na Europa de Leste é o fim de um experimento social específico, mas não o fim dos valores e ideais humanistas" (430).

Resta dizer algumas palavras sobre a contribuição de Feyerabend para este volume. Não vamos deter-nos nas características pouco convencionais desta réplica aos ensaios deste volume. Gostaríamos apenas de sublinhar alguns pontos de interesse nesta conversação final. Para lá dos esclarecimentos pontuais que apresenta relativamente a afirmações dos críticos, esta intervenção final de Feyerabend vale sobretudo pela informação que dá sobre a evolução e génese do seu pensamento. Assim, ficamos a saber, por exemplo, que embora muitos o considerem próximo de Popper - pelo menos em determinada fase do seu percurso - ele leu com muito mais atenção os textos de Wittgenstein do que os escritos de Popper (p.489). Encontramos também uma série de esclarecimentos interessantes sobre o *relativismo* de que é frequentemente acusado. Neste

contexto, aparece uma informação importante para o leitor. Feyerabend mudou de opinião desde que escreveu o *Adeus à Razão*. Isto serve também como desculpa para não comentar em detalhe os ensaios contidos neste volume. De facto, eles visam o Feyerabend de 1975 ou, no caso dos mais recentes, o de 1987, data de publicação do *Farewell to Reason*. Mas, em Agosto de 1989, data em que escreve esta réplica, Feyerabend já não se identifica com essas posições em pontos importantes tendo uma crescente dificuldade em aceitar, sem mais, o rótulo de relativista (p. 507). O leitor que quiser documentar-se sobre esta evolução terá que ler, enquanto não tiver acesso a textos mais recentes, o artigo que Feyerabend publicou no *The Journal of Philosophy* (1989) com o título "Realism and the Historicity of Knowledge". Interessantes são também algumas informações sobre a sua relação com outros autores contemporâneos e aquilo a que muitas vezes se chama a nova filosofia da ciência. Assim, sublinha que a nova filosofia e história da ciência (cita os nomes de Kuhn, Galison, Pickering, Hacking) tem uma origem muito diferente das suas reflexões que ele considera de matriz muito mais especulativa ("abstract speculation", p.506). Apesar de ter lido com muita atenção os escritos de Wittgenstein, algumas teses centrais de Feyerabend surgem na continuidade de longas discussões no Círculo Kraft e não por influência do filósofo das *Investigações Filosóficas*. Feyerabend refere-se, em particular, à tese da incomensurabilidade e à contestação da distinção teoria-observação. Neste contexto, sublinha que Hanson, Toulmin e, mais tarde, Kuhn defendem uma tese mais fraca que a sua: a de que os enunciados de observação (as *Protokollsätze* do Círculo de Viena) já estão *impregnados* de teoria ("theory laden"). A tese Feyerabendiana é a de que tais enunciados são *fully theoretical* sendo a distinção entre enunciados de observação e enunciados teóricos uma distinção pragmática e não semântica (p.526). Aqui aproveita para sublinhar a diferença relativamente a Berkeley.

Estamos perante um volume com informação interessante sobre uma das figuras mais controversas do pensamento contemporâneo. Um bom índice de nomes e conceitos enriquece a obra e facilita a sua consulta.

António Manuel Martins

PINTO, F. C., *Leituras de Habermas. Modernidade e emancipação*.
Coimbra: Fora do Texto, 1992. 291 pp.

É por demais sabido que Habermas é, desde os anos sessenta, o pensador alemão que se perfilou perante a opinião pública como o mais engajado defensor de uma racionalidade crítica e devedora da Aufklärung. Nos anos oitenta a sua voz começou a ter um eco crescente em França e nos EUA. Contudo, importa distinguir em Habermas o nível da produção teórica do nível da actividade e intervenção política. As *Leituras de Habermas* de F. C. Pinto procuram reconstruir parte do vasto e complexo diálogo e confronto que constitui parte substancial da obra de Habermas. O subtítulo *modernidade e emancipação* sugere um interesse dominante da leitura. Polarizada por esse interesse dominante, a narrativa de F.C. Pinto começa por traçar, num primeiro momento, as linhas gerais do confronto de Habermas com a "hermenêutica das tradições" (27-68). Conflito este que é interpretado à luz da análise que dele faz P. Ricoeur. No segundo capítulo surge com maior destaque Husserl e a fenomenologia. O capítulo terceiro ocupa-se daquilo a que o autor chama a "paranóia anti-moderna" que se manifestaria na "crítica total da razão" (111-162). O capítulo quarto continua a análise no mesmo registo dando particular destaque à "despedida neoconservadora da modernidade" (163-204). Finalmente, no quinto